

A UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Bianca Oliveira Coelho (IC), Lidiane Rodrigues Christovam e Valéria Bussola Martins (Orientadoras)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

É inquestionável a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na vida de indivíduos que não tiveram, quando jovens, a chance de concluir os estudos. Normalmente, a educação escolar oferece autonomia a qualquer indivíduo para que ele viva em sociedade. Nesse contexto, as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) ganham também muita importância na medida em que atualmente é grande o número de empregos que de alguma forma exige do profissional saberes tecnológicos e midiáticos. É a partir dessa realidade que surgiu a pesquisa descrita nesse artigo. O objetivo desta pesquisa foi criar uma sequência didática, para as aulas de Língua Portuguesa para a EJA, pautada no universo do aluno, em suas futuras necessidades profissionais e no mundo tecnológico dos dias de hoje. Por fim, considerou-se a necessidade da constante atualização dos professores em pleno exercício.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. EJA. TIC.

ABSTRACT

It is unquestionable the importance of Educação de Jovens e Adultos (EJA) in the life of individuals that did not have, when young, the chance to conclude their studies. Education normally offers autonomy for individuals so that they can live well in society. In this context, the Information and Communications Technology (ICT) also gains much importance since, nowadays, the number of jobs that, somehow, demands from the employee knowledge about technology and media is high. It was starting for that reality that this research created a didactic sequence to Portuguese classes for EJA, based on the student's universe of this step of Basic Education, on their future professional needs and on today's technological world. Finally, the research considers the great importance of continuing professional development.

Keywords: Portuguese. EJA. ICT.

INTRODUÇÃO

Cerca de 1.600 escolas estaduais paulistas oferecem aulas na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse contexto, os alunos podem finalizar seus estudos e receber o diploma do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Todavia, mais do que receber um diploma, esses alunos, em sua maioria, recebem dignidade e passam a resgatar a autoestima de cada um, elemento fundamental para que todo ser humano sintam-se um cidadão participante de uma sociedade plena.

Historicamente, o Brasil é um país com muitos adultos sem escolarização. Dados do documento governamental *Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea* (2007) expõe que o país conta com cerca de 16 milhões de brasileiros analfabetos com idade acima de 15 anos. Dessa forma, a Educação de Jovens e Adultos torna-se ainda mais importante.

Contudo, apesar de, atualmente, ser inquestionável a grande presença e importância da tecnologia em nossas vidas, o uso de recursos tecnológicos não se efetivou na EJA, situação problemática já que se ignora o fato de que para que haja inclusão social, muitas vezes, também é necessária a inclusão digital, elemento essencial para a inserção ou promoção no mercado de trabalho e grande fonte de informação e entretenimento.

A partir dessa realidade, surgiu o problema de pesquisa deste trabalho: como podem os recursos da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) serem utilizados nas aulas de Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos?

Em função disso, o presente estudo que trata do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação na Educação de Jovens e Adultos que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases, seção V, artigo 37º, é “[...] destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRANDÃO, 2003, p. 99), pretendeu:

- investigar de que forma as Tecnologias da Informação e da Comunicação podem ser aplicadas nas escolas de Educação de Jovens e Adultos;
- constatar as principais dificuldades encontradas por parte dos docentes e discentes em função da utilização das TIC no ambiente escolar e
- investigar possibilidades didático-metodológicas eficazes para o ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos por meios digitais.

Por fim, destaca-se que, como referencial teórico, foram usados os pensamentos de Antunes (2005 e 2007), Citelli (2004), Freire (2009 e 2011), Kenski (2003) e Martins (2014).

DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

O Ministério da Educação tem criado iniciativas e tem estabelecido parcerias com os sistemas municipais e estaduais de educação e organizações não-governamentais, atuando junto aos órgãos que discutem a ampliação e a melhoria da qualidade da educação de pessoas adultas no Brasil:

O Ministério da Educação criou, em 2003, a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo para elaboração e execução de políticas públicas com vistas à superação do analfabetismo no Brasil. Lançou ainda o Programa Brasil Alfabetizado [...] que conta hoje com convênios assinados com estados, municípios e entidades organizadas da sociedade civil para alfabetizar 1 milhão de jovens e adultos e capacitar 55.905 alfabetizadores (BRASIL, 2007, p. 175).

Todavia, apesar dos esforços governamentais, de gestores e de professores, ainda há profundas desigualdades na oferta de oportunidades educacionais entre as regiões brasileiras. Um dado que demonstra tal percepção envolve as Tecnologias da Informação e da Comunicação na medida em que, por meio do Estágio Curricular Supervisionado que todo graduando tem de cumprir para receber a habilitação para ministrar aulas na Educação Básica - sendo a Educação de Jovens e Adultos uma de suas etapas -, pode-se dizer que a maioria das escolas que oferece a EJA ainda não dispõe de recursos midiáticos e digitais.

Os computadores foram introduzidos no universo escolar brasileiro, gradualmente, a partir da década de 1980 e, desde o início da sua utilização, há constantes discussões sobre a sua eficácia para o processo ensino-aprendizagem, principalmente pela ausência, sobretudo no Brasil, de relatos de experiências e estudos que possam subsidiar posicionamentos mais concretos sobre o tema em questão (MARTINS, 2014).

Em uma ação conjunta com o Ministério da Educação (MEC), o governo federal criou, em 1997, o Programa Nacional de Informática na Educação (Proinfo). Inicialmente, o projeto previa, em apenas dois anos, a aquisição de mais de 100 mil computadores para as escolas públicas da Educação Básica e se propunha a

melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, criando o que chamava de nova ecologia cognitiva nos ambientes escolares mediante incorporação adequada das novas tecnologias da informação pelas escolas [...], propiciando uma educação voltada para o desenvolvimento científico e tecnológico, educando para uma cidadania global em uma sociedade tecnologicamente desenvolvida (OLIVEIRA, 2006, p. 20).

O objetivo era usar o computador como uma ferramenta de investigação, de construção, de divulgação e de produção de conhecimento. Entretanto, após os dois anos previstos, apenas metade das máquinas havia sido instalada. Porém, apesar dessas discrepâncias, é cada vez mais evidente que os recursos tecnológicos podem facilitar o caminho educacional a ser percorrido pelos alunos (MARTINS, 2014).

Por outro lado, há os profissionais que se negam a utilizar computadores em sala de aula, alegando achar inadmissível que a máquina substitua o papel do professor. De acordo com os pressupostos teóricos de Pierre Lévy (1998, p. 29), a inserção da linguagem dos computadores na vida cotidiana dos alunos e, conseqüentemente, no universo escolar é inevitável:

As crianças aprenderão a ler e escrever com máquinas editoras de texto. Saberão servir-se dos computadores como ferramentas para produzir sons e imagens. Gerirão seus recursos audiovisuais com o computador, pilotarão robôs, consultarão familiarmente os bancos de dados. Todas as evoluções que se estão esboçando na área educacional estão em congruência com as modificações das atividades cognitivas observadas em outras áreas. O uso dos computadores no ensino prepara para uma nova cultura informatizada.

Outros docentes chegam, até mesmo, a dizer que não entendem como um computador pode ser mais interessante e atrair mais a atenção dos educandos do que o próprio professor. Valdemar W. Setzer (2005, p. 114) explica que se o computador

atrai mais a atenção dos estudantes do que um professor, isso pode significar que este não tem uma ideia adequada do que vem a ser uma criança ou um jovem, ou está atrelado a um currículo, método e ambiente que contradizem as qualidades de seus alunos. Provavelmente suas aulas são demasiadamente abstratas, dirigidas para o intelecto dos alunos, e não para os seres completos deles. Assim, os alunos não conseguem identificar-se com o conteúdo sendo transmitido, sentindo-se oprimidos e achando que as aulas são monótonas.

Na verdade, na Educação Básica, nem os professores serão substituídos por computadores nem os computadores são, ou serão, mais atraentes do que os bons educadores (MARTINS, 2014). Demo (2006, p. 86) torna essas afirmações muito evidentes ao dizer que:

Quem aprender é o ser humano, não a máquina. Quem é interativo é o ser humano, não o software. [...] Pode ser que esta maneira de colocar ignore potencialidades vertiginosas das máquinas, que até o momento não alcanço observar. Vejo as máquinas como ferramentas extremamente úteis, mas não percebo nelas o traço humano de inteligência. O computador ultrapassa o poder da mente humana em várias dimensões, como processar e armazenar informação, calcular, sem falar na velocidade crescente de seu funcionamento, mas tudo isso não consegue, pelo menos ainda, sequer simular o que uma máquina hermenêutica, interpretativa, semântica, complexa e não-linear faz, como é o cérebro humano.

O foco dessa questão, de fato, centra-se na dinâmica da aula preparada pelo docente e em sua postura durante as atividades realizadas ao longo do ano letivo.

Kenski (2003, p. 18) explica que a tecnologia é o conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade. Nesse sentido, é importante que a informatização da educação seja vista como facilitadora do aprendizado, promotora da autonomia e estimuladora do interesse dos educandos. Silva e Fernandes (2005), ao citarem como exemplo os jogos digitais, explicam que:

Os jogos educacionais possibilitam ao aluno que de forma autodirigida, tenha a liberdade para explorar por ele próprio o jogo. É muito usado por aqueles que defendem a ideia de que o aluno aprende melhor quando é livre para descobrir ele próprio as relações existentes entre um dado contexto. Constituem-se em uma forma divertida de aprender, podendo ser usado para ensinar conteúdos que na prática são difíceis de aprender por não existirem aplicações práticas perceptíveis. (Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_tecnologias.pdf).

Ao tratar da utilização de recursos tecnológicos no ambiente escolar, Martins (2014, p. 75) expõe também que:

O ensino não se faz apenas por meio dos instrumentos tecnológicos, mas, hoje, é inegável que eles sejam ferramentas de extrema relevância no processo de ensino-aprendizagem de jovens que habitam um mundo que se torna, diariamente, mais informatizado, interativo, midiático e virtual.

Dessa forma, o uso de artifícios midiáticos e digitais pode tornar a aula mais atrativa e dinâmica, estimula a participação dos alunos e beneficia o professor, o qual passa a ser um mediador do conhecimento. Porém, é fundamental que o educador tenha consciência das ferramentas que lhe estão disponíveis e de quais são as melhores formas de utilizá-las para atender às diferentes necessidades dos alunos da EJA, já que o alunado é constituído de pessoas com grande diferença de idade e, portanto, com diferentes conhecimentos de mundo e diversas experiências (ou ausência delas) com a informática.

Daí a importância de um bom professor com uma consciente prática pedagógica. Existem meios, práticas e atividades que podem fazer com que o docente desenvolva melhor sua aula. Tendo consciência de sua prática e refletindo diariamente sobre ela, o educador, provavelmente, atingirá seus alunos com muito mais êxito. É imprescindível, portanto, que o professor entre em contato com a realidade do aluno, saiba em que condições ele vive, do que ele gosta, o que faz sua família, quais são seus medos e aflições e assim por diante. É preciso que o professor conheça o alcance de sua ação como mediador do conhecimento apresentado ao educando e se perceba como alguém que auxilia o aluno no ato de conhecer e conhecer-se de maneira autônoma e crítica (MARTINS, 2014, p. 53).

É importante observar, ainda, que, partindo de uma fórmula equivocada, alguns professores levam seus discentes aos laboratórios de informática e deixam-nos livremente navegando na internet. Durante esse tipo de aula, por exemplo, não é difícil ouvir alunos questionando o que eles devem fazer, qual *site* devem investigar:

Apesar da falta de resultados positivos, os professores encaram o computador como a ferramenta que finalmente pode levar os alunos a estudar. Nesses casos, o computador é visto como um adoçante artificial, transformando aquilo que é hoje o remédio amargo da aprendizagem escolar em algo palatável para crianças que cresceram nas calorias vazias da TV. [...] Usar o computador como adoçante educacional é uma desonestidade pedagógica, introduzindo um aditivo prejudicial na dieta educacional, que muitas vezes se acaba tornando um vício (SETZER, 2005, p. 113).

Docentes malformados, pouco informados, sem nenhum entusiasmo e com falta de amor pelos alunos usam ferramentas tecnológicas sem nenhum propósito evidente. José Moran (2000, p. 22) expõe que

há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino. Sem dúvida as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarmos conectados a distância. Mas se ensinar dependesse só de tecnologias já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento.

Nesse contexto, destaca-se que a constante reconstrução da escola se faz indispensável para um aprendizado com emprego fora de sala de aula, o qual tenha como objetivo despertar o interesse e a curiosidade dos educandos, que serão sujeitos da construção do conhecimento:

A minha questão não é acabar com a escola, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer que nasça dela um novo ser tão atual quanto a tecnologia. Eu continuo lutando no sentido de pôr a escola à altura do seu tempo. E pôr a escola à altura do seu tempo não é soterrá-la, mas refazê-la (FREIRE; PAPERT, 1996, disponível em: <http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/>).

Da mesma forma, é fundamental que todo docente que ministre aula para essa etapa da educação pesquise e atualize-se na área já que o mundo moderno cobra cada vez mais dos trabalhadores conhecimentos midiáticos e tecnológicos.

Apesar de, na sessão da Lei de Diretrizes e Bases a qual se refere à Educação de Jovens e Adultos, não haver menção ao uso da tecnologia no ensino, asseguram-se as oportunidades educacionais apropriadas para o aprendizado:

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRANDÃO, 2003, p. 99).

Considerando o contexto atual de globalização, com sua integração cultural, econômica, social e política, a tecnologia faz-se indispensável para inserir o aluno que volta aos estudos nesse processo (GUERRA, 2012). Logo, a escola tem o desafio de reconstruir sua prática, utilizando-se de novas concepções de mundo por meio dos recursos modernos e suas diversas formas de comunicação e informação:

Os meios de comunicação e as tecnologias da informação significam para a escola em primeiro lugar isto: um desafio cultural, que torna visível a distância cada dia maior entre a cultura ensinada pelos professores e aquela outra aprendida pelos alunos, pois os meios não só descentram as formas de transmissão e circulação do saber como também constituem um decisivo âmbito de socialização através dos mecanismos de identificação e projeção de estilos de vida, comportamentos, padrões de gosto. É apenas a partir da compreensão da tecnicidade mediática como dimensão estratégica da cultura que a escola pode inserir-se nos processos de mudanças que atravessam a sociedade (CITELLI, 2004, p. 22).

Ao pensarmos na sociedade e no mercado de trabalho, formar um estudante para ser um profissional ainda com uma visão conservadora, práticas tradicionais centradas no docente e um modelo educacional baseado na transmissão do conhecimento seria impedi-lo de desenvolver suas habilidades críticas e reflexivas e, portanto, afastá-lo de grandes oportunidades.

Hoje os tempos são outros, menos eufóricos e mais amadurecidos. Podemos, então, na colheita dos primeiros resultados e das primeiras perplexidades, tentar corrigir os rumos, procurando resgatar, no novo percurso, o já tantas vezes adiado projeto de democratização e qualificação da educação brasileira (LAJOLO, 2008, p. 18).

Hernández (1998, p. 33) complementa as ideias de Lajolo:

Essa visão destaca, por exemplo, a importância de ensinar a reconhecer as influências mútuas entre as diferentes culturas, a presença das representações de umas e outras em diversas formas de conhecimento (filosófico, derivado da construção da identidade...), nas artes (das formas de representação, da utilização dos símbolos e procedimentos), nas ciências (desde o cálculo até a explicação das leis da natureza) e nas crenças (na influência entre as visões religiosas) na construção da realidade.

Escola e professor precisam refletir sobre sua postura. A escola deve abrir suas reflexões para além de seus muros e o educador necessita compreender que não é porque ele foi educado da forma tradicional que não pode mudar, visando a uma formação mais coerente com a vida de seus educandos. Freire (1996, p. 38) assegura que a prática docente “crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”.

O computador não é um recurso milagroso. Ele não é a solução para todos os atuais problemas da educação que ainda se mostra profundamente tradicional e, até certo ponto, cansativa e maçante. Sem objetivos claros para a sua utilização, ele acaba atuando como outras ferramentas que parecem só maquiagem o contexto educacional para que as escolas se promovam como modernas (MARTINS, 2014, p. 73).

Por isso, é preciso que o educador tenha clareza com relação aos objetivos com que a tecnologia será utilizada na sala de aula, para não tornar o computador apenas sinônimo de entretenimento ou perder-se o foco do uso pedagógico esperado.

Buscando a compreensão e a proposta de solução do problema de pesquisa que envolve a reflexão de como podem os recursos da Tecnologia da Informação e da Comunicação serem utilizados nas aulas de Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos, foi adotado o levantamento bibliográfico para o desenvolvimento desta pesquisa com a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre o assunto em questão.

Ademais, optou-se, para o presente trabalho, pela pesquisa qualitativa, partindo-se da bibliográfica uma vez que foram feitas consultas a diferentes autores e a suas teorias para os assuntos em questão. Por meio da pesquisa bibliográfica, conhecem-se “as diferentes formas

de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno” (OLIVEIRA, 1997, p. 119).

Justifica-se que foi usado o método qualitativo para a elaboração desta pesquisa, devido ao fato de as pesquisas qualitativas preocuparem-se “com o significado dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as motivações, crenças, valores, representações sociais, que permitem a rede de relações sociais” (PÁDUA, 1997, p. 31).

Posteriormente, foram observadas aulas de Língua Portuguesa no CEU Vila Atlântica, localizado ao bairro Pirituba, zona oeste da cidade de São Paulo como já acordado com a Direção da Instituição Escolar, para que se pudesse, por meio da observação, elaborar práticas que tenham como embasamento tal teoria.

Essa etapa levou seis meses, sendo que, após esse período de observação e análise, foram criadas propostas didático-metodológicas com o uso das TIC para as turmas de Ensino Fundamental II da Educação de Jovens e Adultos.

As propostas aplicadas na escola envolveram aulas uma vez por semana para cada turma no laboratório de informática, já que as salas de aula da instituição de ensino escolhida não estavam equipadas com computadores, projetores ou qualquer outro equipamento eletrônico.

Criaram-se propostas para as aulas de produção textual, buscando levar os alunos a elaborarem cartas de apresentação, currículos e *e-mails* formais. Como produto final, destacase a produção de um livro digital com narrativas verdadeiras escritas pelos alunos sobre momentos importantes de suas vidas.

Durante a aplicação de todas as propostas didático-metodológicas, foram feitos relatórios parciais para que as observações permanecessem devidamente documentadas e compusessem o artigo científico elaborado em função de todo o projeto.

A ideia central foi propor atividades cujos objetivos pretendiam levar o aluno a:

- entender a importância da tecnologia em seu desenvolvimento pessoal e profissional;
- aprender as funções básicas da informática para o uso dentro e fora da escola;
- desenvolver autonomia na busca de informações e conteúdo;
- produzir projetos interdisciplinares;
- produzir textos em plataformas digitais;
- comparar e interpretar textos de diferentes mídias;
- compreender a influência social e política dos conteúdos trabalhados.

Na primeira etapa do projeto, percebeu-se o desconhecimento dos alunos em relação à ferramenta Word. Por isso, foi imprescindível que a docente explicasse suas funções básicas. Eles aprenderam como alterar a fonte, sua cor e tamanho e a posição do texto. Foi ensinado também a função de cada tecla, frisando a necessidade da acentuação e da pontuação de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa.

Além disso, a professora projetou um pequeno texto com diferentes variações na formatação para que eles pudessem compreender os recursos do Word. Deixou, ainda, um tempo livre para que eles explorassem as ferramentas do programa. Essa etapa foi fundamental para o desenvolvimento do projeto.

Na segunda etapa da proposta, após os discentes terem aprendido a estrutura de um *e-mail* formal em sala de aula, a educadora solicitou que eles o produzissem como se estivessem representando uma empresa. O objetivo do *e-mail* foi o agendamento de uma reunião. A docente acompanhou os resultados conforme a finalização dos textos.

Considerando que todos já dominavam a estrutura de um currículo, pois lhes foi ministrado em sala de aula com o apoio de um exemplo impresso, a professora, na terceira etapa do projeto, sugeriu que eles pesquisassem diferentes modelos na internet para que depois produzissem o seu próprio currículo. Ao final, a docente corrigiu todas as produções.

Como os resultados com o gênero textual foram muito enriquecedores, a docente decidiu repetir o processo para ensinar seus educandos a produzirem uma carta de apresentação, produção muito útil para a vida profissional de seus discentes.

Na quinta etapa do projeto, por sua vez, a professora pediu que os discentes escrevessem um texto narrativo de, no máximo, uma página, sobre alguma memória de infância que consideravam importante. Ademais, incentivou, ainda, o compartilhamento do tema escolhido para a produção e corrigiu todos os textos.

Organizadas todas as produções criadas na quinta etapa do projeto, a docente reuniu todos os textos em um único arquivo. Junto dos alunos, na sexta etapa do projeto, diagramou e criou uma capa coletivamente com toda a turma.

Por fim, na sétima e última etapa do projeto, a educadora solicitou que cada aluno lesse sua narrativa para toda a turma, abrindo espaço para comentários e compartilhamento de experiências semelhantes.

Todas as etapas promoveram a inclusão digital, buscando a inserção ou a promoção no mercado de trabalho e a autonomia no uso da tecnologia para interesses pessoais. Além disso, as experiências de vida dos educandos foram valorizadas, o que causou maior interesse pelo desenvolvimento da proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período que compreendeu esta Iniciação Científica, procurou-se investigar de que forma as Tecnologias da Informação e da Comunicação podem ser aplicadas nas escolas de Educação de Jovens e Adultos; constatar as principais dificuldades encontradas por parte dos docentes e discentes em função da utilização das TIC no ambiente escolar e investigar possibilidades didático-metodológicas eficazes para o ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos por meios digitais.

Quando se trabalha na área da educação, é sempre necessário tomar partido, assumir posições. Entretanto, para se assumir posições conscientes, é fundamental, antes, conhecer as teorias pedagógicas já existentes, ou seja, os modelos anteriormente usados, testados, experimentados. Encontra-se nessa questão, portanto, a importância da reflexão constante sobre a prática pedagógica diária. É a partir dela que os docentes podem aprimorar estratégias e ajudar de forma mais efetiva seu alunado. Como afirma Candau (1996, p. 114):

É necessário articular o “pensar” sobre a didática com a didática “vvida” no dia a dia da prática educativa. Em geral, o que se pode ver é uma dissociação entre a didática que é vivenciada, inclusive nas aulas de didática, e o discurso sobre o que deveria ser esta própria prática.

Dessa forma, é por meio de reflexões e pesquisas que se conseguirá incorporar as culturas de referência de nossos alunos; desenvolver novos processos e instrumentos de ensino e avaliação; trabalhar coletivamente; integrar a ação educativa em fins sociais mais amplos, compreender os diferentes processos cognitivos dos alunos em cada faixa etária e construir a própria prática pedagógica (MARTINS, 2014). Assim o professor pode decidir sua ação com base em uma sabedoria prática e teórica, unindo o seu dia a dia a pressupostos teóricos plausíveis.

A partir da pesquisa realizada para este trabalho e da aplicação da proposta criada, pôde-se confirmar a necessidade do professor como mediador não só no espaço tradicional da sala de aula, mas também no laboratório de informática. Todas as atividades foram coordenadas pela docente, entretanto os alunos tiveram autonomia nas produções.

Mostrou-se essencial o estabelecimento de objetivos bem definidos para todas as aulas, para que os alunos mais jovens, que já tinham familiaridade com a tecnologia, deixassem de ver o computador e a internet como ferramentas apenas de entretenimento e para que os que ainda não haviam tido contato com mídias digitais pudessem compreender os diferentes benefícios proporcionados por elas.

Desmitificou-se o pensamento de que todos os alunos têm domínio dos diferentes usos de um computador, já que muitos tinham perfis em redes sociais e conheciam *sites* de jogos *on-line*, porém não sabiam como utilizar o pacote Office. Isso se explica pelo fato de jogos e redes sociais terem conteúdo atrativo e serem facilmente acessados por um *smartphone* via *wi-fi*, considerando que muitos alunos da escola observada não tinham condições financeiras para terem um computador próprio e internet fixa em casa. Além disso, antes das aulas de informática na escola, não havia, na realidade desses jovens, a necessidade de produzir documentos digitais.

Cabe ao educador apresentar aos educandos as diferentes aplicabilidades da tecnologia, com a finalidade de que eles a utilizem para seus interesses pessoais e desenvolvimento profissional. É fundamental que fiquem claras as transformações causadas pela tecnologia no mercado de trabalho implicando uma proporção direta entre domínio tecnológico e oportunidades profissionais.

Por outro lado, é necessário frisar que muitos alunos da EJA têm mais de 40 anos. Logo, têm uma perspectiva completamente diferente dos ingressantes no mercado de trabalho. A maioria precisa priorizar o emprego, deixando a educação em segundo plano; enquanto algumas mulheres nunca trabalharam fora e encontram nos estudos um meio de alcançar uma certa independência.

Nesses casos, o professor encontra o desafio de um alunado com baixa autoestima e com resistência a propostas incomuns à sua realidade. Observou-se que muitos discentes não se sentiam à vontade no laboratório de informática porque não estavam habituados com o uso do computador e não acreditavam que conseguiriam realizar as atividades.

Torna-se, então, função do docente estimular o aprendizado e valorizar os progressos de cada estudante, sempre relacionando o conteúdo lecionado com sua aplicação real. Apesar dos obstáculos, era perceptível a satisfação com o produto final, que representava a superação das dificuldades.

Para maior eficácia da proposta, seria ideal que mais de um professor participasse, visto que os estudantes tinham muitas dúvidas e precisavam de acompanhamento durante todo o processo. No entanto, era visível que nem todos os docentes tinham o preparo necessário para ministrar as aulas de informática; alguns se mostraram receosos ao utilizar o Word, programa classificado como básico para quem precisa preparar aulas.

Conclui-se que o primeiro passo para que o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação seja frequente na Educação de Jovens e Adultos é a capacitação do professor.

Educar [...] é um ato consciente e intencional e abrange a etapa do instruir, ultrapassando-a. Transmitir conhecimentos técnicos e científicos sem contextualizá-los na vida prática da sociedade real, onde cada aluno irá atuar, é, no mínimo, atitude irresponsável e, portanto, inadmissível ao verdadeiro educador (VASCONCELOS, 1996, p. 48).

Somente com um professor consciente da necessidade de atualizar-se constantemente e de repensar suas práticas com base nos resultados obtidos e nas diferentes possibilidades de prática docente poderá atingir os objetivos propostos neste artigo. Nesse complicado contexto de trabalho, a única saída continua sendo, como já fora exposto anteriormente, a reflexão-ação-reflexão:

A formação continuada deve alicerçar-se numa “reflexão na prática e sobre a prática”, através de dinâmicas de investigação-ação e de investigação formação, valorizando os saberes de que os professores são portadores (NÓVOA, 1992, p. 30).

Dessa forma, nota-se que o ensino com tecnologia deve ser sinônimo de ensino para reflexão e pensamento crítico, aliado ao suprimento das necessidades reais dos educandos.

Quando se percebe que algo no cotidiano escolar não está satisfatório, são fundamentais dados novos para se chegar a possibilidades de soluções que resolvam os problemas detectados. É durante a formação inicial, somada à continuada, que o docente pode conhecer esses dados que o ajudarão no futuro. Na realidade, a formação de professores deve ser um processo permanente, cotidiano e infundável, como propõem os Parâmetros em Ação (1999). O professor deve transformar-se, então, em um incansável investigador e a reflexão e a pesquisa em um exercício constante.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL. *Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea*. Secretaria de Educação Continuada. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2007.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros em ação*. Brasília: MEC/SEF, 1999.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca Brandão. *LDB: passo a passo*. São Paulo: Avercamp, 2003.

CANDAU, Vera Maria (org.) *A didática em questão*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CITELLI, Adilson. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema, TV, rádio, jogos, informática*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

DEMO, Pedro. *Formação permanente e tecnologias educacionais*. Petrópolis: Vozes, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 50 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE; PAPERT. *O futuro da escola*. São Paulo: TV PUC, 1996. Disponível em: <http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Controle?op=detalhe&tipo=Video&id=37>. Acesso em 13 out. 2015.

GUERRA, Vanderlei Ricardo. *Educação de Jovens e Adultos: a ação docente diante das novas formas de informação e comunicação*. Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/301/236>. Acesso em 17 jun. 2015.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e Ensino presencial e a Distância*. São Paulo: Papyrus, 2003.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2008.

LÉVY, Pierre. *A máquina universo*. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MARTINS, Valéria Bussola. *O despertar para a leitura por meio de mídias digitais*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

MORAN, José Manuel. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papyrus, 2000.

NÓVOA, Antonio. *Os professores e a sua formação*. Tradução de Graça Cunha, Cândida Hespanha e Conceição Afonso. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, José Márcio Augusto de. *Escrevendo com o computador na sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2006.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini. *Metodologia da pesquisa - Abordagem teórico-prática*. Campinas: Papyrus, 1997.

SETZER, Valdemar W. *Meios eletrônicos e Educação - Uma visão alternativa*. 3. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

SILVA, José Orlando Medeiros da Silva; FERNANDES, Natal Lania Roque. *Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação de Jovens e Adultos*. 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_tecnologias.pdf. Acesso 12 out. 2015.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho. *A formação do professor de terceiro grau*. São Paulo: Pioneira, 1996.

Contatos: biancacoelho05@gmail.com, lidiane.christovam@mackenzie.br,
valeria.martins@mackenzie.br